



## CINEMA

### DESATINO EM TRILHOS URBANOS

**S**ob o caos paulistano, nas linhas cruzadas do metrô, passa-se uma dos filmes mais intrigantes do cinema brasileiro recente. Em *Jogo Subterrâneo*, que estreia na sexta-feira 1º de abril, não há periferia ou celebridade como chamariz. Escrito e dirigido por Roberto Gervitz, que assina com Jorge Durán o roteiro, a história parte de um conto de Julio Cortázar (1914-1986) e desalinha-se em fios de romance, suspense e desejo.

**Felipe Camargo**, em atuação madura, é Martín, o pianista de bar que atravessa os dias jogando um jogo de destino e desatino. Ele rabisca um trajeto num pequeno caderno e, após passar a catraca, pinça uma mulher que o atrai e lança-se à sorte: se ela seguir as linhas por ele adivinhadas, será a mulher de sua vida. Esse enredo lúdico é



**RIGOR.** Felipe Camargo brilha em *Jogo Subterrâneo*

resolvido com talento por Gervitz. Ele venceu, em primeiro lugar, o desafio de filmar no metrô. Com um apuro visual que deve ser creditado também ao fotógrafo Lauro Escorel e ao diretor de arte Adrian Cooper, o cineasta tornou trilhos e vagões personagens da urba-

nidade e dos contatos breves. Seu outro mérito é parar o jogo na hora certa e atirar Martín ao imponderável das relações humanas. Nesse ponto, Gervitz carrega nas tintas e pinta certos “tipos” com excessos dramáticos – como a personagem de Maria Luisa Mendonça. Mas como a vida do pianista, orbitada por mulheres, tem sempre um quê de irreal, com partidas pregadas pelo inconsciente, isso também pode ser lido como opção, e não como falha.

Co-autor do documentário social *Braços Cruzados, Máquinas Paradas* (1978) e diretor de *Feliz Ano Velho* (1988), Gervitz passou esses últimos 20 anos fazendo publicidade e exercendo variadas funções no cinema. De volta ao comando da claquete, demonstra, em várias cenas de *Jogo Subterrâneo* – como aquela em que Martín dedilha o piano com uma menina autista –, que está em plena forma. Tomara que o terceiro filme não tarde. – POR ANA PAULA SOUSA



## ESTRÉIA

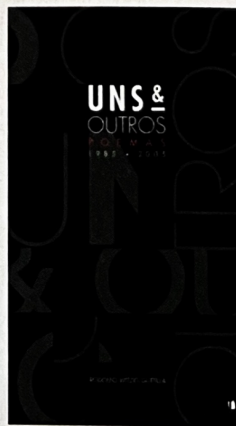
**Uma Questão de Imagem**, em cartaz a partir do dia 1º de abril, é uma comédia, mas vai além da ironia presente no roteiro de Agnès Jaoui (também diretora) e de seu marido, Jean-Pierre Bacri. O fino faro do casal para o retrato da classe média volta-se para o mundo literário de Paris. Bacri é o editor bem-sucedido que não tem a menor habilidade no trato com a filha Lolita (Marilou Berry), aspirante a cantora lírica que se sente gorda e rejeitada. Agnès (foto) é sua professora de canto que, por coincidência, tem um marido escritor. O tabuleiro dos encontros está armado. Sobre ele, personagens bem construídos e diálogos argutos movem-se cheios de graça. – APS

## POESIA

### PALAVRAS EM RÁPIDOS ACORDES

**Uns & Outros** (Landy Editora, 104 págs., R\$ 25) é a concretização de um sonho acalentado por duas décadas. Rodolfo Wittig Guttilla, cientista social por formação e há 15 anos trabalhando com marketing e comunicação corporativa, reúne, no bem cuidado volume, poemas escritos entre 1985 e 2005. Como define o também poeta Carlos Felipe Moisés na apresentação da obra, o “timbre dominante do livro é o do humor discreto, por vezes velado, em perfeita sintonia com a também discreta dissonância de seus acordes breves”.

Dividido em quatro capítulos – *Palavrável, Migaia, Monteazul e 6 Traduções* –, o livro passeia pelo haicai (*Espera e verás/ as cigarras virão/ espera o verão*), pelos versos mais intimistas e reflexivos (*Dentro de mim passa um rio/ barrento/ escuro/ e frio/ & passa/ e rompe com brio/ vasos/ veias/ e fios...*) e pelo próprio fazer poético (*Poema não se faz/ antes/ ou após/ poema se faz/ durante/ urdindo palavra a palavra/ e desatando/ seu nós*). Na última parte, *6 Traduções*, Guttilla revisita conhecidos haicais que, indiretamente, se comunicam com a sua produção.



**PRIMEIRA OBRA.** Guttilla estreia com versos breves